via lateral

revista de ensaio, arte e cultura | n.4 | dezembro 2017 - janeiro 2018 | distribuição gratuita

Alfons Maria Mucha, *Emerald* (1900) [detalhe]

poesia

fructo prohibido

por cumba junior

Quero-te muito, e que também me queres vejo
Não só no teu olhar como no teu sorriso;
Contudo, para mim (e digo-te sem pejo)
Não me basta este amor platônico e indeciso.

Imita o exemplo de Eva e peca, pois preciso,
Para aplacar o meu mal-contido desejo,
Sentir, como sentiu Adão no paraíso,
A doce sensação do teu primeiro beijo.

Banindo do pecado o frívolo receio,
Aos murmúrios banais não dês, sequer, ouvido
E acolhe-me no vale aromal do teu seio;

Que a posse do teu corpo ardente e apetecido
Há de ter para mim, que há tanto tempo o anseio,
O inefável sabor de um fruto proibido.

Poema publicado originalmente em
A Actualidade. Hebdomadario critico e litterario.
Ano 1. N° 1. Santa Catharina, 01 de outubro de 1916.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

editorial

A Biblioteca Pública de Santa Catarina, em convênio com o Centro de Ciências Humanas e da Educação/Instituto de documentação e Investigação em Ciências Humanas (FAED/IDCH) da Universidade do Estado de Santa Catarina, realiza um valioso trabalho de digitalização de antigos jornais, revistas e outros periódicos pertencentes ao seu acervo, e coloca-os à disposição do público, para que possam ser comodamente consultados em casa, e de maneira totalmente gratuita, através da Hemeroteca Digital Catarinense (http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/HEMO.html). VIA LATERAL fica devendo aos seus leitores uma crônica do inestimável esforço realizado pelos funcionários dessas instituições, que esperamos possa aparecer em um próximo número. Enquanto isso, transcrevemos nesta edição um pequeno, porém variado, repertório de obras de autores catarinenses publicados nos jornais da virada do século XIX para o XX.

Ouvir as vozes do passado, vozes anônimas, preservadas no papel e nos arquivos digitais das bibliotecas públicas, através das gerações, constitui sem dúvida uma experiência fascinante. Milhares de pessoas em todo o mundo, no Brasil, em Santa Catarina, escreveram ao longo dos últimos dois séculos poemas, crônicas, biografias e todo tipo de texto, impressos em periódicos de maior ou menor duração, maior ou menor sorte e que, depois, tanto as obras quanto os autores, foram apagados da memória cultural coletiva. Embora a qualidade literária de boa parte dessa imensa produção seja, como mínimo, discutível, certamente havia (há) no seu seio obras que mereciam melhor destino. Entre essa plêiade de desconhecidos achavam-se, sem dúvida, alguns escritores, poetas ou narradores de talento que, no entanto, não puderam alcançar os favores da fama e da glória eterna.

Como esperamos provar com essa primeira amostra de escritores (e de outros criadores) esquecidos, talentos não faltavam em nossa terra. Esse trabalho de arqueologia literária, embora gratificante ao máximo, fica porém incompleto, porque nada conhecemos dos autores reunidos, a não ser o nome. Se você possuir alguma informação que possa ajudar-nos a tirá-los do anonimato, não deixe de entrar em contato conosco.

Na primeira página deste número de VIA LATERAL e nas páginas seguintes oferecemos uma pequena amostra do imenso tesouro que alberga a Biblioteca Pública de Santa Catarina: alguns poemas, uma fábula em versos e o curioso perfil biográfico de um cientista local. Esperamos que o leitor desfrute de sua leitura como nós desfrutamos ao transcrevê-los. Não modificamos nada, exceto a ortografia, que foi atualizada. Nos títulos, porém, para preservar o sabor da época, mantivemos a forma original.

Referência dos poemas da página 3: ***Fatalidade!***, de **Delminda Silva**, foi publicado no *Annuario Catharinense para 1900*, Florianópolis, Gabinete Sul-Americano, 1900; ***A lua e as estrellas***, de **W. Bueno**, foi publicado em *O Artista. Órgão Literário, Industrioso e Artístico da Província de Santa Catarina*. Ano 1, nº 13. Desterro, 16 de fevereiro de 1879.

Alfons Maria Mucha (1860-1939), autor da obra que ilustra a primeira e a terceira páginas deste número de **Via Lateral**, foi um talentoso pintor e ilustrador tcheco. Sua carreira ficou marcada pela viagem que fez a Paris no final do século XIX, onde conseguiu fama e prestígio ao produzir os cartazes para os espetáculos da superstar **Sarah Bernhardt**. A partir de então, seu nome ficou indissoluvelmente ligado ao movimento artístico conhecido como ***Art Nouveau***. Suas pinturas e desenhos apareciam em cartazes, embalagens de produtos industrializados e páginas publicitárias de revistas do mundo inteiro. Mucha dedicou-se também à fotografia e à escultura, às quais soube transmitir seu estilo e sua infatigável busca da beleza. Em sua idade madura, dedicou-se sobretudo a criar obras de conteúdo patriótico eslavo. Grande parte de sua produção artística pode ser vista na *Fundação Mucha* (http://www.muchafoundation.org), na cidade de Praga (República Tcheca).

expediente

revistavialateral@gmail.com
99130-1355
99610-5523

via lateral / nº 4 / florianópolis
dezembro 2017 e janeiro 2018

Edição e arte: **wanderlei s. gomes jr.** / O envio de qualquer matéria à Via Lateral implica a autorização de sua publicação de forma gratuita, pois a revista não remunera seus colaboradores. / As matérias assinadas são de responsabilidade dos seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista. / As imagens não acreditadas foram encontradas através do *google images* e não continham informação sobre os seus autores. / As matérias não assinadas são de autoria da redação.

gente que apoia a cultura no Campeche :

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

arqueologia literária

fatalidade!

por delminda silveira

Tão moço ainda e no cabelo escuro
Tramas de prata s'enredando já!
Pobre mancebo! Triste Palinuro
No mar da vida tão perdido está!

Viu a Sereia... era mulher formosa,
Tinha nos olhos lindo azul de céu;
Era-lhe a boca nacarina rosa,
Louro cabelo qual dourado véu.

Viu a Sereia, doce canto ouviu-lhe,
A voz tão meiga, tão singela e boa
Da mão pequena a maciez sentiu-lhe,
Era poeta... docemente amou-a!

"Vem, disse a Bela, no meu leito verde
Contigo eu quero adormecer, sonhar;
Vê o Infinito que no mar se perde
A linda estrela que nos vai guiar!

O mar verde, do coral vermelho
Mimosos ramos lá se ocultam mil;
O mar é lindo — cristalino espelho
O céu d'aurora a retratar gentil!

Vem, qu'eu te amo, sonhador d'encantos,
Vem, que te oferto meu constante amor;
Aqui tens [perlas] — mas não são de prantos,
E tens suspiros que não são de dor!"

Pobre Poeta! — pelo mar da vida
O doce canto da Sereia ouviu;
Mas se era um anjo essa mulher querida...
Ao d'ela o pobre seu destino uniu"

Ele era moço... ela — mulher formosa,
A voz tão meiga, tão singela e boa...
O céu nos olhos, e nos lábios — rosa,
Era poeta... docemente amou-a!

Porém, qual nuvem de manhã ridente,
Desfez-se um dia essa ilusão falaz;
Pobre Poeta! — sobre a mão tremente
Pendida a fronte cismadora traz!

Ah! quem diria que a traição pudesse
N'um peito d'anjo se abrigar possante
E sem piedade retalhar viesse
Do meigo Vate o coração amante!...

Pobre Poeta! — na manhã da vida
Tramas de prata no cabelo tem!
Ah! foi-lhe o Sonho uma ilusão perdida,
Que Amor lhe fora uma ilusão também!

a lua e as estrellas

por w. bueno

Fabula original, oferecida ao ilustre artista catarinense, o sr. Alexandre Margarida.

A Lua

Estrelas, vassalas minhas,
Vinde, vinde, acompanhai-me;
Humildemente adorai-me,
Que vossa rainha sou.

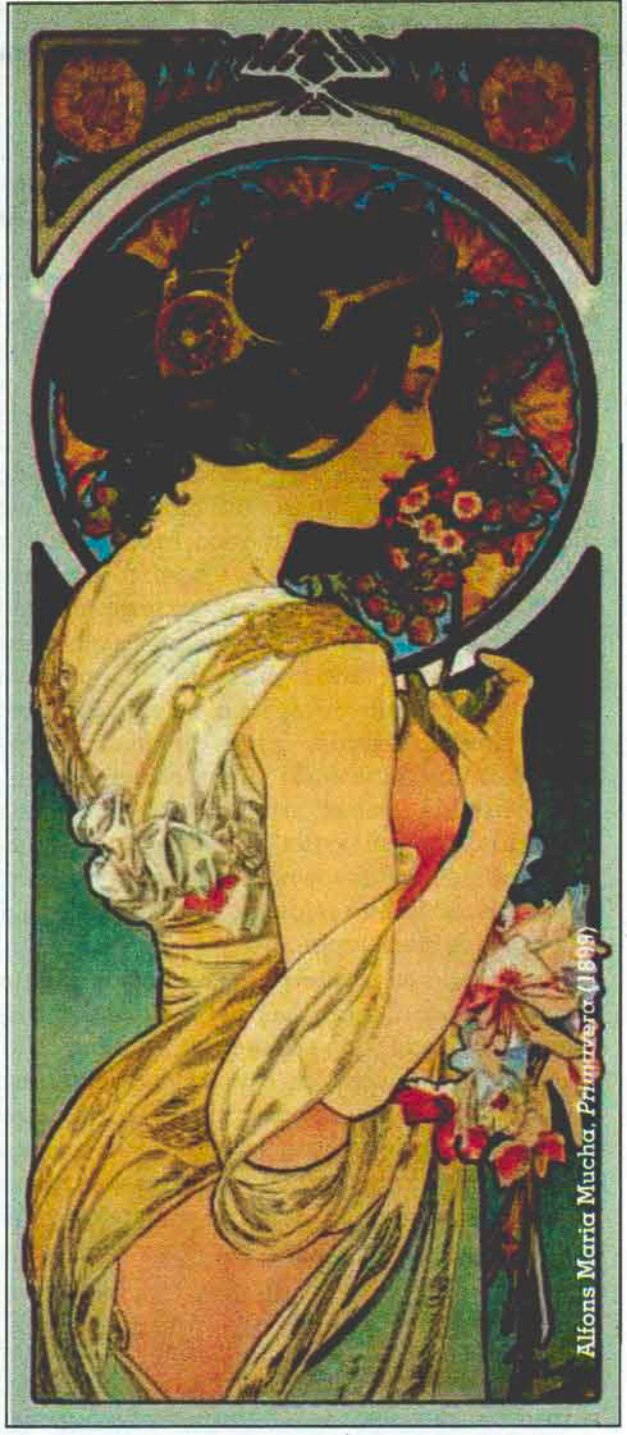
As Estrelas

Que demência, ó baixa lua,
A razão tornou-te escura?
Extraordinária loucura...
(Ai!) de ti se apoderou!

Estulta, os excelsos píncaros
Queres galgar da arrogância?
Não vês que pela distância
Temos mais alto lugar?

Não fiques lá toda inchada
Pelas canções do poetas;
Q'os aluados patetas
As cousas tomam no ar!

Aos olhos só da matéria
Pareces, louca, rainha;
Fica sabendo, ó mesquinha,
Que somos todos iguais.


Alfons Maria Mucha, *Primavera* (1898)

Tu brilhas mais para a terra,
Nós mais para o céu brilhamos;
Feito o equilíbrio, vejamos
Quem é que de nós é mais!

Moralidade

Aprendei q'o mundo inteiro
Nos prega a lei da igualdade;
Que só veem desigualdade
Os olhos das vis paixões!

Presente o sol: mar de luzes;
Ausente o sol: trevas densas;
Pendem, pois, as diferenças
De tais ou quais condições.

personnalité
Language Consulting
A melhor escola de idiomas é aquela que se adapta a você!
Inglês Francês Espanhol Alemão Italiano
Personnalité: nos adaptamos a você.
(48) 3222.3100 | www.personnaliteidiomas.com.br
Avenida Hercílio Luz, 826 | Loja B |Centro | Florianópolis | SC
contato@personnaliteidiomas.com.br

J&B Center Store
Eletroeletrônicos
Tony Malone
(48) 3030-2695 (48) 99183-8205 jbcenterstore@gmail.com
Av. Hercílio Luz, 924 - Centro - Florianópolis / SC

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

história do vestuário

moral e moda feminina na belle époque

por stefan Zweig

Fotografia da época.

Não pode qualificar-se de casualidade o fato de **hoje, em 1942**, o público inteiro, em toda cidade, em toda aldeia da Europa ou da América, irromper em risadas quando no cinema mulheres e homens da sociedade de 1900 aparecem na tela nos seus trajes de então.

Mesmo as pessoas mais simples de hoje se riem dessas figuras estranhas de ontem como de caricaturas, como de loucos trajados de maneira desnatural, incômoda, anti-higiênica, não prática; mesmo a nós que ainda vimos nossas mães, tias e senhoras de nossa amizade nesses vestidos absurdos, que em nossa juventude também usamos trajes ridículos, parece-nos um delírio o fato de que uma geração inteira pudesse sem protesto sujeitar-se a usar trajes tão estúpidos.

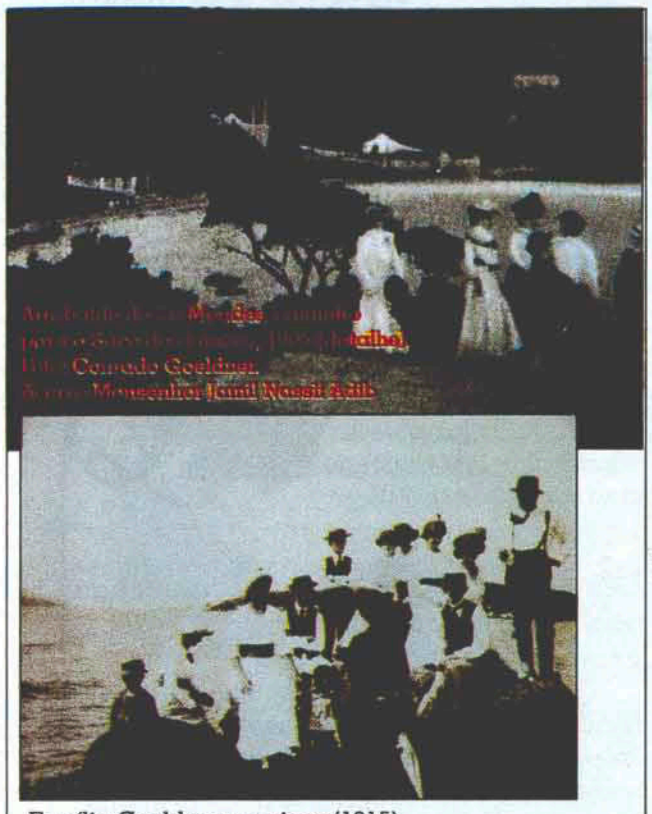
Já a moda masculina dos colarinhos muito altos e duros, que tornavam impossível todo movimento desembaraçado, das sobrecasacas pretas, de abas compridas, das cartolas que lembravam chaminés, provoca hilaridade, mas muito mais a provoca a «dama» de outrora, em seu vestuário fatigante e incômodo, que em todo pormenor violentava a natureza.

Apertada no meio do corpo por um **espartilho** de barbatanas duras, o que lhe dava uma cintura de vespa, a parte inferior do corpo estufada e semelhante a um grande sino, o pescoço coberto até o queixo, os pés ocultos até as pontas dos dedos, o cabelo levantado, cheio de inúmeros anéis, caracóis e tranças, debaixo de um monstruoso chapéu que oscilava majestosamente, as mãos enfiadas em luvas, mesmo no mais ardente verão... Esse ser, que há muito já se tornou histórico, a «dama», apesar do perfume que envolvia sua proximidade, apesar das jóias de que estava carregada e das custosas rendas, dos rufos e penduricalhos, dá a impressão de uma criatura infeliz, de uma inválida digna de lástima. À primeira vista percebe-se que uma mulher, encouraçada em tal indumento como um cavaleiro medieval em sua armadura, não mais podia mover-se livre, enérgica e gracilmente, que todos os seus movimentos, todos os seus gestos e, em consequência disso, todas as suas maneiras, em tal traje, teriam que ser artificiais, não naturais, antinaturais. Já o simples trajar-se de «dama» representava um trabalho complicado, que não era possível ser realizado sem o auxílio de outra pessoa.

Em primeiro lugar, inúmeros **colchetes** tinham que ser atados atrás, desde a cintura até o pescoço; o espartilho, apertado com todas as forças da criada de quarto; a abundante cabeleira devia ser **encrespada, assentada, escovada, penteada, elevada** em forma de torre graças a montões de **grampos, presilhas e pentes**, tudo com o necessário auxílio de uma cabeleireira, chamada diariamente. Recordo aos leitores jovens que, há trinta anos, salvo algumas dezenas de estudantes russas, toda mulher da Europa tinha os cabelos tão compridos que chegavam até os quadris. Depois disso, a mulher era remodelada, enroupada com **saias, corpinho, corpete, casaquinho**, até que os últimos restos de suas formas femininas e individuais tivessem desaparecido inteiramente. ⇨

Stefan Zweig nasceu em 1881, em Viena, e morreu em 1942, em Petrópolis (RJ). Foi um escritor de enorme popularidade na primeira metade do século XX. De família judia, abandonou sua terra natal no final da década de 1930, para não ser aprisionado pelos nazistas. Depois de passar por vários países, acabou vindo para o Brasil, que já conhecia e admirava. De fato, é dele a frase, hoje tão conhecida, de que «o Brasil é o país do futuro», pois dá título ao livro que escrevera depois de sua primeira visita ao nosso país. Nesta segunda estância, porém, as circunstâncias eram menos favoráveis. Em 1942, desencantado com um mundo onde a intolerância nazista parecia triunfar em todas partes, Stefan Zweig suicidou-se, com sua esposa. Deixou uma última obra, um relato autobiográfico intitulado *O mundo que eu vi*. São dessa obra os extratos (adaptados) que apresentamos nestas páginas. Com agudeza e ironia, o autor descreve a hipócrita e obsessiva moral do final do século XIX e do início do XX, que reservava à mulher um papel absolutamente subordinado ao homem e que se expressava, externamente, de forma rígida e opressiva inclusive no próprio vestuário. É certo que sua análise se aplica, em especial, às mulheres de classe média e alta das grandes cidades dos países desenvolvidos, mas o poder de influência desses grupos, sobretudo em matéria de costumes e moral, fazia-se sentir em todos os demais estratos sociais, inclusive os de centros urbanos tão distantes das «metrópoles» como a capital catarinense (veja as fotos da página ao lado). ▼

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina



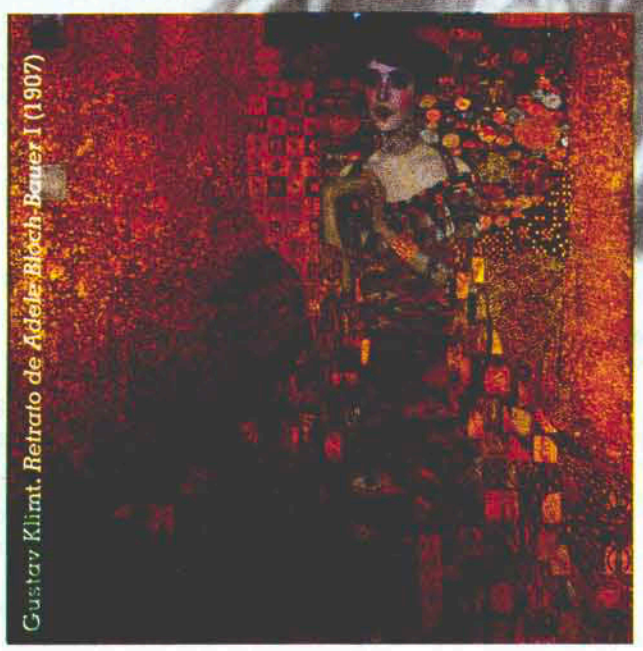
Família Goeldner e amigos (1915).
Foto: Conrado Coldner. Acervo Maria Luiza Goldner e Edmea D. Daltri Goldner

⇨ Mas esse absurdo tinha sua razão secreta. A verdadeira forma do corpo de uma mulher devia ser tão receosamente oculta mediante essas manipulações, que mesmo o noivo, por ocasião das bodas, não pudesse saber se sua futura companheira de vida era direita ou torta, gorda ou magra, de pernas curtas, compridas ou recurvas.

Essa época «moralista» de modo nenhum considerava ilícito, para o fim de iludir ou de adaptar-se ao **ideal geral da beleza**, o aumento artificial dos seios e do cabelo ou o uso de anquinhas. Quanto mais uma mulher devesse ter a aparência de uma «dama», tanto menos permitido era que suas formas naturais fossem perceptíveis; em essência, a moda com essa sua evidente orientação servia obedientemente apenas à tendência moral geral da época, cuja principal preocupação era o encobrir e o esconder.

Mas essa moral «sábia» se esquecia inteiramente de que, se fechamos a porta da frente ao diabo, ele, as mais das vezes, consegue entrar pela chaminé ou por uma porta dos fundos. O que ao nosso olhar de hoje, mais franco, causa estranheza nesses trajes, que desesperadamente queriam encobrir todo vestígio de pele nua e de crescimento natural, não é absolutamente sua decência e sim, ao contrário, o quanto essa moda gerava a polaridade dos sexos, tornando-a mesmo provocadora.

Naquela época os sexos se diferenciavam entre si tanto quanto lhes era possível. Os homens usavam barbas compridas, ou ao menos um **grande bigode de pontas retorcidas e voltadas para cima**, como um atributo, reconhecível de longe, de sua **masculinidade**, ao passo que, na mulher, o espartilho ostensivamente tornava visível o caráter sexual essencialmente **feminino** representado pelos seios. O sexo dito forte era diferenciado em relação ao sexo fraco também na atitude que dele se exigia: o homem era ousado, cavaleiroso, agressivo; a mulher tímida, acanhada, defensiva. Lembravam o caçador e a presa, e não **seres de direitos iguais**. Por meio desse desacordo não natural no hábito exterior, tinha de se reforçar também o desacordo interior entre os polos, o erotismo, e assim a sociedade de então, graças ao seu método não psicológico do encobrir e do silenciar, conseguiu precisamente o contrário. Porque ela, em seu incessante receio e afetação de seriedade e virtude, constantemente farejava o imoral em todas as formas da vida, bem como na literatura, na arte e no vestuário. A fim de impedir todo atrativo, era verdadeiramente forçada a pensar, a todo instante, no imoral. Porque ininterruptamente se pesquisava o que poderia ser indecoroso, e mantinha-se um incessante estado de atenção.



Gustav Klimt. Retrato de Adele Bloch-Bauer I (1907)

Ao mundo de então parecia sempre, em cada gesto, [illegible] palavra, que a «decência» estava em p[illegible]ida.

Que a a[illegible] do mesmo nível social, mas de [illegible]mitido fazer uma ex[illegible] sem [illegible]era inteiramente inc[illegible]cível — [illegible]samento que surg[illegible] era que n[illegible]guma coisa poderia **acontecer** [illegible] elementos da natureza, mes[illegible]ol, à [illegible] e ao ar não era dado toca[illegible]. No mar livre, elas, trajadas de roupas pes[illegible]estidas dos calcanhares ao pescoço, só co[illegible] dificuldade conseguiam nadar; nos pensionatos e nos conventos, as jovens, a fim de esquecer que possuíam corpo, [illegible]iam de tomar banho de banheira vestidas com uma longa camisa branca.

Não é absolutamente lenda nem exagero dizer que as mulheres morriam velhas e de seu corpo — salvo o esposo, o parteiro e o lavador de cadáveres — ninguém havia visto sequer a linha das espáduas ou os joelhos. Hoje, após quarenta anos, tudo isso parece fábula ou exagero humorístico. Mas esse medo de tudo o que é corporal e natural havia realmente penetrado na sociedade, desde as classes mais elevadas até as mais baixas.

Será possível ainda hoje acreditar que, por volta do fim do século dezenove, [illegible] as primeiras mulheres se atreveram a [illegible] bicicleta ou a cavalo montadas como [illegible] os camponeses **atirassem pedras** ne[illegible]revidas? Que os jornais de Viena trou[illegible]em longas discussões acerca da novidade pr[illegible]ta, horrivelmente indecente, de as bailarin[illegible] da Ópera Imperial dançarem sem meias de malha? Que causasse uma sensação [illegible] par **Isadora Duncan**, em suas danças sum[illegible] clássicas, pela primeira vez mostrar, abaixo da túnica branca, felizmente muito longa, em vez dos habituais sapatinhos de cetim, os pés nus?

Que um homem sentisse e tivesse permissão de sentir os instintos, tinha-o a convenção que conceder tacitamente. Admitir honestamente, porém, que uma mulher também pudesse estar sujeita a eles, seria ofender a ideia da «**santidade da mulher**». Nessa época pré-freudiana, aceitava-se como axioma que a mulher não sentia desejo carnal enquanto o homem não o tivesse despertado; o que, claro está, oficialmente só era permitido no matrimônio.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

semblante biográfico

joaquim rodrigues da natividade e silva

por alfredo costa

O interessante relato apresentado abaixo foi publicado no ***Annuario de Santa Catharina para 1900***, um almanaque editado por Firmino Costa e Francisco d'Assis Costa e publicado pelo chamado Gabinete Sul-Americano, de Florianópolis. Alfredo Costa, o autor, talvez um parente dos editores, traça um perfil biográfico de um curioso personagem que, sem dúvida, fazia juz a essa homenagem. Entre outras coisas, esse indivíduo parece ter inventado os fones de ouvido (que o autor denomina aqui fonógrafo) ao menos uma década antes de que o fizesse o norte-americano Nathaniel Baldwin, a quem se atribui oficialmente a invenção em 1910.

Conhecemo-nos desde a infância e desvaneço-me de ter como patrício este distinto Catarinense.

Na idade de doze anos, já revelava a superioridade de seu talento em trabalhos de prestidigitação, a competirem na perícia com que eram executados, com os dos [pres{t}imanos] que então apareciam nesta capital. Se pródiga fora a natureza em iluminar-lhe o espírito com aquela luz divina, com suma avareza tratou-o a fortuna na distribuição de seus bens; daí as dificuldades com que lutava para obter os aparelhos necessários. Perseverante e tenaz em seus cometimentos, com seu gênio inventivo ele conseguia fabricá-los, para logo depois empregá-los naquele mister.

Atravessou indiferente a quadra risonha da mocidade. O inebriante perfume das flores com que ela se atavia, os prazeres que em profusão oferece, os encantos com que seduz, nenhum atrativo tinham para ele; passavam despercebidamente ao seus espírito, que pairava em outra esfera. Outras eram as seduções que o prendiam: a sua atenção, os seus cuidados, as suas cogitações, a sua atividade estavam aplicados ao estudo.

Do tentâmen de uma temerária empresa nasceu-lhe o desejo de penetrar no espaço infinito e prescrutar-lhe os segredos; uma barreira, porém, logo se lhe deparou: precisava ler os preciosos escritos de Flammarion e ele desconhecia o belo idioma deste célebre astrônomo. Não foi isso motivo para desistir do louvável intento. Comprou uma gramática e um dicionário franceses, internou-se em sua tenda de trabalho e, meses depois, deliciava-se na leitura de Pluralidade dos Mundos e de outras obras produzidas por aquela notabilidade científica. Não demorou-se em fazer aquisição de um telescópio, montando-o no observatório, que foi para esse fim especialmente construído, e ali o vi muitas vezes imerso no estudo das siderais regiões.

Assim, desprendido das preocupações terrenas, embevecido na bela harmonia dos astros, seu espírito alou-se aos páramos do infinito, arrebatado em ondas de inefáveis concertos. Inspirou-se nas célicas melodias e cultivou a música. O violino e o piano são os instrumentos de sua predileção. Em suas múltiplas aptidões, aquela poderosa mentalidade também dedicou-se à fotografia, em que houve-se com vantagem. Aperfeiçoou o sistema de pautação, por meio de uma máquina de sua invenção, que se ostenta em seu gabinete de trabalho.

Praça XV de Novembro (Florianópolis, então Desterro) em 1890. Foto de Eugen Currilin; Acervo G. Schimdt-Gerlach.

Ali tem ele também, convenientemente instalada, uma oficina tipográfica e de encadernação, donde tem saído bem-acabadas obras.

Fui, há dias, visitá-lo no seu atelier. Lá estava o infatigável trabalhador entregue às suas labutações. Na fisionomia, sempre expansiva, havia irradiações de íntimo contentamento, qual sentira Trajano de Carvalho ao chegar à porfiada solução do difícil problema naval: é que o novo triunfo tinha alcançado.

Convidou-me para ver a sua obra recentemente concluída. Fez-me sentar junto a uma mesa, sobre a qual estava pequena caixa, e, entregando-me delicado tubo, que a esta se prendia por uma das extremidades, recomendou-me que aplicasse a outra, de bifurcada forma, aos ouvidos, o que prontamente fiz.

Minutos depois ouço melodioso canto acompanhado de harmonioso piano, em seguida saltitante *polka* executada por habilíssima orquestra; novas surpresas se sucederam. Os acentos daquelas vozes, os sons acordes dos instrumentos, a mais rápida [apojetura] partida daquele conjunto harmonioso eram vibrantes e tão distintos que se me afigurava estar em plena ópera sem ver os artistas.

Era um fonógrafo, cuja confecção lhe custara quatro anos de longas lucubrações e aturado trabalho.

No arroubo de veemente entusiasmo, levantei-me e, envolvendo-o na curvatura de um abraço, exclamei:

— Bravo, Natividade! O teu prodigioso talento se reflete nesta maravilhosa obra que te imortaliza!

.....

Não se tomem estas pálidas linhas por um esboço, sequer, do vulto de Joaquim Rodrigues da Natividade e Silva: são apenas um preito de homenagem ao merecimento de um patrício, que honra o berço em que nasceu.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

o outro lado da ciência

saúde e tecnologia

heroína

No final do século XIX, a multinacional farmacêutica Bayer lançou um novo medicamento sintético —a diacetilmorfina—, ao qual deu o nome de *heroína*. Segundo a publicidade da empresa, não havia enfermidade para a qual o medicamento não proporcionasse alívio. Ao contrário da morfina, a heroína podia ser adquirida em qualquer farmácia, sem necessidade de receita médica. O medicamento era indicado para adultos e crianças no combate à asma, esclerose, epilepsia, esquizofrenia e outras doenças. Mas o principal apelo publicitário estimulava o uso indiscriminado da heroína (junto com outro dos mais famosos medicamentos da empresa alemã, a aspirina) inclusive contra moléstias tão pouco graves como a tosse ou a irritação de garganta. Dois anos depois do seu lançamento, o doutor James R.L. Daly escreveu um artigo no *Boston Medical and Surgical Journal* dando as boas vindas ao novo medicamento. Segundo o distinguido médico, a heroína tinha uma série de vantagens sobre a morfina: «Não produz efeitos hipnóticos», escreveu ele, «e não há perigo de que se adquira o hábito de tomá-la».

tabaco

Nessa mesma época, era possível ler, na popular publicação familiar dos Estados Unidos *The Doctor at Home*: «O poder do tabaco para sustentar o sistema digestivo, fomentar a nutrição, aumentar e manter o peso, revigorar o corpo após grandes esforços e para substituir o alimento corriqueiro é uma constatação que se pode observar a cada momento».

telefone

Até a década de 1870, o único meio de comunicação capaz de atravessar grandes distâncias era o telégrafo (inventado em 1836). No entanto, não existia ainda um meio de comunicação que pudesse colocar uma pessoa em contato direto com outra que não estivesse presente no mesmo lugar.

Em 1876, um escocês chamado Alexander Graham Bell criou um novo e revolucionário aparelho ao que chamou "telefone", o primeiro meio de comunicação que permitia não apenas comunicar-se a grandes distâncias mas também de maneira direta e sem uso de códigos de linguagem (como o *código Morse*, usado no telégrafo). Curiosamente, a primeira "ligação telefônica", segundo reza a tradição, foi uma simples chamada de Graham Bell ao seu assistente, que se encontrava em outra parte do seu laboratório: «Mr. Watson, venha cá, preciso do senhor», dizem que disse o grande inventor.

As primeiras reações ao invento que revolucionaria a comunicação nas décadas seguintes, porém, foram bastante céticas. O próprio sogro de Graham Bell considerou o novo aparelho apenas um brinquedo sem utilidade prática. O presidente americano Rutherfod B. Hayes reagiu dizendo que, sem dúvida, tratava-se de uma novidade interessante, mas, «quem iria querer usar uma coisa dessas?» Na Inglaterra, o consultor e posteriormente engenheiro chefe da companhia de correios William Preece afirmou: «Os americanos sem dúvida necessitam desse invento, mas nós não. Possuímos uma grande quantidade de garotos mensageiros». Mais tarde, o presidente Hayes mudou de ideia: mandou instalar um telefone em sua sala e passou a dizer a quem pudesse ouvi-lo que o telefone era a «maior invenção humana desde a Criação». Outros seguiram logo o mesmo caminho. No entanto, muita gente continuava duvidando da utilidade daquele aparato. Quando alguém tentou convencer um senador americano argumentando que o telefone permitiria que o Maine falasse com o Texas, o senador não se deixou impressionar: «E o que é que o Maine tem para dizer ao Texas?», foi sua resposta.

Fontes consultadas:

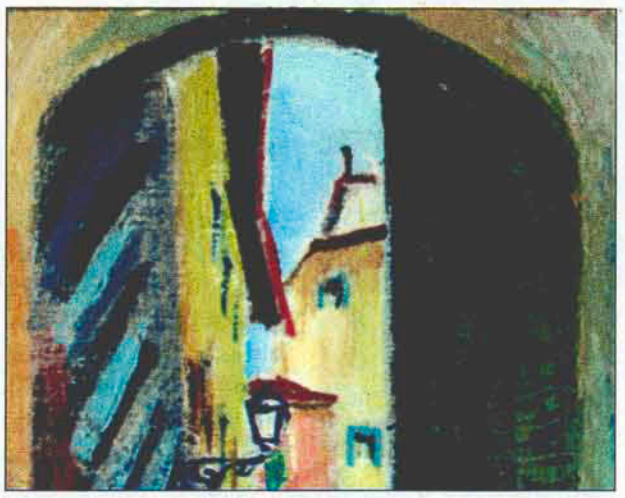
http://www.design-technology.org/telephone.html
http://www.cbgnetwork.org/4148.html
Crofton, Ian (2011). *Science without the Boring Bits Cranks, Curiosities, Crazy Experiments and Wild Speculation.*

Anúncio publicitário de heroína em uma revista espanhola do início do século XX.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

culinaria toscana con vistas

J.L. Gregorio Alameda



La ciudad era muy bonita, toda llena de magníficos monumentos, bellos lugares y paisajes espléndidos, como suelen ser las ciudades italianas, pero no hallé quien estuviera dispuesto a pagarme una comida. De manera que, cuando ya no soportaba más el hambre, ocupé una mesa en la terraza de una *trattoria* y pedí un buen plato de macarrones con salsa de gambas. Al camarero, un hombre muy gordo y sudoroso que mucho se esforzaba por parecer simpático —como por lo demás suelen hacerlo los camareros, y más si son gordos—, no pareció molestarle en absoluto mi aspecto andrajoso y un tanto sucio y desaliñado. Sin embargo, al oírme decir que acompañaría los macarrones a la salsa de gambas con una buena jarra de cerveza, me miró como si mi proposición, además de constituir en sí misma una herejía, le ofendía personalmente. Como soy hombre de mundo, conocía ya la existencia de ciertas personas que se toman muy a pecho eso de qué hay que beber según con qué se come y no sé qué otras bobadas más y me abstuve de discutir. No obstante, al cabo de un rato volvió el camarero, dejó caer con inefable desprecio la jarra de cerveza encima de mi mesa y sin decir esta boca es mía se marchó a atender a otros clientes. Luego, cuando lleno de recelos y con toda humildad le pedí que me trajera un poco de queso rallado, el camarero puso cara de quien dice hasta aquí hemos llegado, se infló, bufó y se inclinó hasta tocarme las narices con la suya y, envolviendo su indignación en un manto de solicitud y gravedad, separando claramente las sílabas y las palabras, me explicó que a la pasta con salsa de gambas no se le añade queso rallado, que nunca en su vida había visto a nadie comer pasta en salsa de gambas con queso rallado y que ése era el más grande disparate que había tenido que oír en su larga carrera de camarero, pero que, si ése era mi deseo, me traería igualmente el queso rallado para que pudiera ensuciarla a mi gusto la salsa de gambas. Dicho lo cual se marchó como un almirante ultrajado. Y de nada sirvieron mis enérgicas protestas y pedidos de perdón ni mis ruegos de que se olvidara para siempre del queso rallado y en su lugar me trajera luego otra buena jarra de cerveza, pues que el hombre me dio la espalda de tal manera que incluso una oruga de inteligencia mediana comprendería que desde aquel momento me había convertido en su enemigo declarado. Lo cual, todo hay que decirlo, no es cosa para tomarse a la ligera en un restaurante.

Huelga decir que, al traerme el plato de pasta, el camarero me lo lanzó a la mesa de un modo que no dejaba la menor duda sobre el aprecio y la estima que le merecían quienes no eran capaces de comerse unos macarrones como es debido. A continuación, lleno de asco, arrojó también la tarrina de queso rallado como si fuera un ratón muerto que hubiera sacado en aquel mismo momento de una ratonera e hizo el camino de regreso anunciando a gritos a quien quisiera oírle, la clientela de la terraza, la de adentro y quienes pasaban por la calle, las causas de su indignación:

—*Agli, oleo, pomodoro e peperoni! Agli, oleo, pomodoro e peperoni!* — vociferaba arrebatado, alzando los brazos al cielo y suplicando socorro a la Madonna. Avergonzado, cabizbajo, bajo la mirada condenatoria de toda la gente —que a esa altura había sin excepción tomado partido por el camarero— me zampé como pude los macarrones con gambas y la tercera jarra de cerveza que mientras tanto me había arreglado para que me la trajera un camarero menos ortodoxo, pero el queso de la tarrina preferí no tocarlo durante la comida, aunque luego me pareció prudente echarlo en el bolsillo de la camisa para comérmelo antes de dormir.

Como me figuraba que la eventual posibilidad de obtener credito en la casa había quedado muy comprometida por los últimos acontecimientos y que tampoco nadie en el local se dejaría conmover por la situación de penuria de un mendicante que no sabía comportarse a la mesa, juzgué más oportuno marcharme a la francesa, sin pedir postre ni café. Sin embargo, mientras me alejaba por la calle con fingida indiferencia, podía oír los aullidos del camarero, que desde la terraza de la *trattoria* me insultaba a grito pelado, sin preocuparse lo más mínimo de la mala impresión que su actitud pudiera provocar en la clientela o incluso en los transeúntes, supongo que por haber hallado en mi repentina partida una ulterior confirmación de sus ideas con respecto a quienes se comían los macarrones a la salsa de gambas con queso rallado acompañados de cerveza, y sin sospechar siquiera que en realidad el queso no me lo había comido, aunque me pareció más sensato no volver al restaurante para aclararle ese punto, más que nada porque se hacía tarde y todavía no había hallado un sitio para pernoctar. ▼

J.L. Gregorio Alameda es escritor hispano-uruguayo residente en Florianópolis. Este cuento forma parte de su novela *Verano en Florencia*, todavía inédita.

Ilustrações:
Vicolo del Cornino (Firenze), Rodolfo Marma (1974) [detalhe]; *Scorcio cittadino*, pintor anônimo [detalhes].

filosofia de bolso

«A vontade do povo significa, praticamente, a **vontade daquela porção mais numerosa e ativa do povo** (da maioria ou daqueles que conseguem fazer-se aceitar como tal). O povo, portanto, pode desejar oprimir a uma parte de si mesmo, e as precauções que se deve tomar contra isso são tão úteis como aquelas contra qualquer abuso de poder. [...] É preciso incluir, no debate político, essa "tirania da maioria" entre os males contra os quais a sociedade deve ficar alerta. [...] Quando a própria sociedade é o tirano, exerce uma tirania mais **implacável** que muitas formas de opressão política, pois penetra muito mais nos detalhes da vida e chega a acorrentar a alma.

Por isso, não basta a proteção contra a tirania do juiz. É preciso proteção também contra a **tirania da opinião pública** e contra os **sentimentos dominantes**, contra a tendência da sociedade a **impor suas próprias ideias e costumes** como regras de conduta a quem não concorde com elas, contra a tendência a sufocar o desenvolvimento individual e a impedir a formação de personalidades originais, a obrigar a todos a se moldar conforme o mesmo caráter geral.»

John Stuart Mill (1806-1873)
Sobre a liberdade

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina